

A COMUNICAÇÃO ANTIVACINA NAS REDES SOCIAIS: OS CASOS DO SARAMPO, POLIOMIELITE E O CORONAVÍRUS¹.

Guilherme CEZARIO BIEZUS²
Gustavo DOS SANTOS PRADO³

RESUMO: Apesar de sempre existirem conflitos entre vacina e população, o Brasil, por muito tempo, foi referência em suas campanhas de vacinação. No entanto, os índices de cobertura vêm caindo com o aumento do discurso antivacina, abrindo espaço para o ressurgimento de antigas doenças e para a falta de imunização de novas. O objetivo deste trabalho é compreender o que move a população a se posicionar contra as vacinas e entender de que forma isso interfere nos índices de vacinação no país. Conclui-se que as células antivacina têm impacto direto na cobertura vacinal e que o pensamento anticientífico está implantado até mesmo no Governo Federal.

PALAVRAS-CHAVE: Publicidade, antivacina, pós-verdade, redes sociais, doenças.

1 INTRODUÇÃO

A vacinação é uma forma muito eficaz de se prevenir doenças e, desde o seu surgimento, é também a maneira mais efetiva de reduzi-las e, até mesmo, de erradicá-las. Porém, movimentos que se opõem à vacinação são recorrentes na história do nosso país e, por meio da comunicação, eles interferem diretamente nos índices de vacinação e na confiança da população quanto à efetividade e benefícios da vacina.

Esses posicionamentos antivacina têm destaque em alguns pontos específicos da linha do tempo: no início do século XX com a revolta da vacina; em 1998 com a publicação de um artigo na revista Lancet, por Andrew Wakefield, em que acusava a vacina tríplice viral de causar autismo; e, por último, no século XXI - momento em que a tecnologia comunicacional evoluiu ao ponto de estarmos conectados às redes 24 horas por dia, emitindo opiniões e debatendo sobre assuntos muito complexos.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Centro Universitário FAG, no ano de 2020.

² Acadêmico do 8º período do curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário FAG. E-mail: gcbiezus@minha.fag.edu.br

³ Professor orientador. E-mail: gspgustavo.historia@hotmail.com

Esse trabalho, em sua fundamentação teórica, discute o histórico de movimentos antivacina no Brasil. Também fundamenta a relação envolvendo a sociedade de redes que, infelizmente, vêm alimentando uma onda anticientífica movida por discursos da pós-verdade. O trabalho também problematiza a relação entre homem e corpo e como o Estado interfere neles. O desdobramento do movimento antivacina também foi rastreado valendo-se da análise de conteúdo.

Já na parte três, o leitor notará que foram separados conteúdos antivacina envolvendo três doenças, sendo elas: sarampo, poliomielite e coronavírus. Conteúdos de redes sociais foram elencados - uma vez que ali está um movimento que ameaça a saúde pública de milhões de brasileiros.

A rede nos entregou ambientes protegidos nos quais podemos nos expressar livremente sem sermos repreendidos. Essa falta de fiscalização deu voz e facilitou a organização de movimentos de todos os formatos, desde protetores de animais, *gamers* e cientistas à neonazis e anticiência.

A proposta deste trabalho é compreender o que move a população a se posicionar contra as vacinas e de que forma isso interfere nos índices de vacinação. Para isso, utilizamos como base analítica o conteúdo do grupo de *Facebook* que vamos chamar de “O Sentido Escuro dos Imunizantes”.

2 ANTIVACINA: RECORTE HISTÓRICO, REDES, PÓS-MODERNIDADE, ONDA ANTICIENTÍFICA E O BIPODER

2.1 Brasil x Vacina: a Revolta da Vacina Obrigatória (1904)

A relação entre o brasileiro e a vacinação sempre foi muito conturbada e repleta de desentendimentos. Em 1904, no Rio de Janeiro, aconteceu a Revolta da Vacina - primeiro grande movimento contra a vacinação no país.

A proclamação da República, ocorrida em 1889, desestabilizou totalmente a estrutura escravista que havia sido abolida no ano anterior, em 1888. Com isso, a população da então capital do Rio de Janeiro aumentou de forma estrondosa, não só pela alforria, mas também pela grande quantidade imigrantes (CARVALHO, 1987, p. 17).

Esse alto crescimento populacional não tardou a trazer mais desigualdade para o Rio. De acordo com Carvalho (1987, p. 17), “Outro resultado importante da

intensa imigração era o desequilíbrio entre os sexos. Em 1890, entre os estrangeiros, os homens eram mais que o dobro das mulheres”. O que se refletia no índice de nupcialidade de apenas 25% entre os homens brancos e de 12,5% entre os negros. Logo, o número de solteiros era muito alto e, o de famílias regularizadas, muito baixo.

Era tanta gente na cidade que o número de pessoas com ocupação mal remunerada ou sem ocupação fixa aumentou, marginalizando ainda mais os negros e aumentando a quantidade de criminosos na capital. Dessa forma, quanto mais imigrantes chegavam, mais caro se tornava viver lá e, com isso, a parte mais pobre da população passou a organizar-se em suas próprias comunidades, “O cortiço do Botafogo, descrito por Aluísio Azevedo, possuía no final mais de 400 casas e constituía uma pequena república com vida própria, leis próprias, detentora da inabalável lealdade de seus cidadãos” (CARVALHO, 1987, p. 39).

Esses locais eram liderados por seus proprietários em uma espécie de autoritarismo, mas, apesar disso, os habitantes eram muito unidos quando pessoas externas ou a polícia tentavam intervir. Foi assim que surgiu o termo “República do Cortiço” e, a parte mais interessante disso, segundo Carvalho (1987), era o fato de que essa república sentia-se violada justamente quando a república oficial intervinha.

Na tentativa de controlar a inflação, o governo limitou seus próprios gastos e aumentou impostos. Porém, em 1902, quando Rodrigues Alves tomou posse em meio a uma grande recessão econômica, ele logo passou a fazer o contrário. O novo presidente assume uma postura intensiva de obras públicas em busca da recuperação econômica e, para isso, concedeu poderes maiores ao prefeito Pereira Passos e ao médico Oswaldo Cruz, diretor do Serviço de Saúde.

Pereira Passos promoveu uma reforma no centro da cidade com o objetivo de deixá-la parecida com as capitais européias, “o que exigiu a demolição de habitações populares para dar lugar a grandes avenidas e bulevares.” (CARRETA, 2009, p. 8). Assim, iniciou-se uma série de processos de desapropriação, colocando abaixo casas, cômodos e cortiços e chegando a derrubar cerca de 640 prédios para dar abertura para as avenidas que rasgavam ao meio a parte mais habitada e pobre da cidade.

Já Oswaldo Cruz lutou contra 3 oponentes - em primeiro lugar a Febre Amarela que, como em Cuba, foi combatida extinguindo os mosquitos e isolando a

população doente. Em seguida, a Peste Bubônica “cujo combate exigia a exterminação de ratos e pulgas e a limpeza e desinfecção de ruas e casas” (CARVALHO, 1987, p. 94). Em 1903 brigadas sanitárias saíram limpando e desinfetando ruas e casas, removendo doentes, exigindo reformas de prédios que, caso não fossem realizadas, eram fechados. Essas inspeções eram feitas com o apoio de policiais e seu principal alvo era a população pobre que morava em locais pequenos e de grande aglomeração, promovendo, assim, condições ruins de higiene que, na maior parte, não tinha nem registro na prefeitura. De acordo com Carvalho, estima-se que, no primeiro semestre, tenham visitado cerca de 110.224 domicílios, intimado 12.971 pessoas e interditado 626 locais (CARVALHO, 1987, p. 94).

O então diretor de saúde iniciou o combate de seu terceiro inimigo: a Varíola, que já possuía vacina em território nacional desde 1804 e, inicialmente, fora recebida bem pela população local, visto que, de acordo com Carreta (2009, p. 150) “Em 1811, por ordem de d. João VI, foi criada a Junta da Instituição Vacínica, e desde 1830 a vacinação tornou-se obrigatória” para crianças e escravos que desembarcavam no Brasil, diminuindo a varíola, mas o número de pessoas que compareciam para a vacinação por conta própria era muito pequeno. Por isso, em 1904, Oswaldo Cruz deu início a uma campanha de vacinação obrigatória mais severa.

A junção das políticas de urbanização de Pereira Passos e as sanitárias de Oswaldo Cruz levaram a população ao limite, culminando no que chamamos hoje de Revolta da Vacina - um conjunto de acontecimentos que marcaram a história do nosso país provocando muita violência por parte da população e da imprensa e resultando no surgimento de uma mídia médica especializada pró e antivacinação, além de grandes debates tanto no âmbito médico quanto no político.

De acordo com Salgado (2018), o pensamento de Auguste Comte influenciou muito na fundação da República, na formação de oficiais das Forças Armadas e também no movimento de contestação à vacinação: o Apostolado Positivista⁴. O grupo afirmava que a vacinação obrigatória ia de encontro a princípios como a liberdade e os maiores responsáveis por isso eram os jovens cadetes das academias militares, visto que “foi deles que partiu a maior parte do movimento de

⁴ Foi um grupo em prol da implantação de um regime ditatorial regido pelos princípios positivistas de Augusto Comte com poderes maiores do que o extinto poder moderador, indo de encontro a ideias republicanas.

resistência à vacina, que ganhou forma no movimento da Liga Contra a Vacina Obrigatória” (SALGADO, 2018, p. 39).

A Revolta da Vacina é um episódio muito importante e marcante para a história do nosso país mas, apesar disso, anos depois, a varíola foi contida com a imunização via vacina. Mesmo assim, devemos analisar o acontecimento do ponto de vista da população, sendo ela composta, em sua maioria, por cidadãos pobres que há pouco tempo tinham sido libertos da escravidão, bem como por imigrantes expostos a uma mídia inflamada que despejava um mar de informações complexas e que, o tempo todo, estava em conflito - deixando-os à deriva.

2.2 Uma sociedade em rede

O Ciberespaço tem seu início nos anos 60 no Departamento de Defesa dos Estados Unidos e sua versão rudimentar tem como nome ARPANET (*Advanced Research Projects Agency Network*). Seu desenvolvimento teve como objetivo a criação de uma forma de contato entre laboratórios para facilitar a comunicação e seu uso foi, então, difundido para as forças armadas.

Mas, foi apenas na década de 80, que a internet como a conhecemos passa a ser modelada pelas mãos de Tim Berners-Lee, que criou o primeiro *link* que poderia ser acessado de qualquer local da rede, posteriormente, o HTML (*HyperText Markup Language*) e, então, o primeiro navegador *web*.

A existência dessa rede por si só modifica toda a história da humanidade, uma vez que “A comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Dito de outro modo a sua lógica chega a países de todo planeta” (CASTELLS, 2005, p. 39).

Justamente por ser acessada por qualquer um, a internet é a perfeita democracia onde todos podem ser vistos e ouvidos. Mas, em meio a essa beleza ateniense, corre uma veia anarquista que vem para descentralizar o poder da informação e do conhecimento com políticas *Open Source*, abalando estruturas de empresas e enfiando “goela abaixo” mudanças que assustam os profissionais não adaptados “a ponto de só se falar em reformas administrativas e mais modernamente em reengenharia de processos e empresas” (CASTRO, 2003, p 137).

Castells nos apresenta o conceito de sociedade em rede como:

uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é a estrutura formal (CASTELLS, 2005, p. 20).

Essa rede é moldada pela sociedade e não o contrário, afinal, é produto dela e vai ser sempre direcionada pelo indivíduo em frente ao monitor e, o que antes era vislumbrado como um expoente da liberdade e representava a alforria da sociedade para os grandes conglomerados de mídia e comunicação, no século XXI passa a ser constituída ao mesmo tempo por “um sistema oligopolista de negócios multimídia, que controlam um cada vez mais inclusivo hipertexto, e pela explosão de redes horizontais de comunicação local/global” (CASTELLS, 2005, p. 24).

Assim, temos como exemplo *Google*, *Amazon* e *Facebook* que alcançaram um nível tão alto de dominação das ferramentas da rede que centralizam os nós em suas mãos, não restringindo a liberdade, mas tendo acesso com um “puxão” a toda e qualquer informação contida ali.

Ferramentas como as redes sociais existem há anos, a primeira nos modelos que conhecemos entrou ao ar em 1995 e continua ativa. Elas foram muito úteis para moldar a internet como é atualmente, mas, na história recente, foi com a popularização e devido à facilidade de publicação do *facebook* e *whatsapp* que esses ambientes se tornaram os locais perfeitos para a manipulação de pessoas vulneráveis e para a disseminação de informações falsas, seja isso feito por uma criança como forma de brincadeira ou por um dos chamados Gabinetes do Ódio, que têm como objetivo controlar a população vulnerável para fins políticos, afinal “a presença nas medias é essencial para construir uma hegemonia política ou uma contra-hegemonia — e não somente durante as campanhas eleitorais” (CASTELLS, 2005, p. 25).

Por isso, o setor público deveria ter sido o primeiro a se preparar tanto por ter seu acesso facilitado às novas tecnologias como por ter a obrigação de educar a população para fazer o uso da rede de maneira consciente e proveitosa. Castells (2005, p. 27) afirma que “O sector público é actualmente o actor decisivo para desenvolver e moldar a sociedade em rede.”, também policiando conteúdos criminosos e que ameaçam a população, o que se torna cômico ao observarmos o

quão atrasadas são as nossas leis quanto à informação disseminada na internet, podendo comparar o usuário a um cavalo descontrolado com antolhos e o legislador ao cocheiro que tenta segurá-lo e controlá-lo sem muito sucesso.

Castro (2003) levanta o questionamento de se as ligações feitas tanto no aspecto local como global do indivíduo nas redes tendem a substituir “grandes instâncias ou instituições encarregadas do global: estados, direitos, igrejas, bancos e bolsas, escolas e universidades” (CASTRO, 2003, p 140).

Serres (1994) entende que as redes modernas de comunicação criam uma espécie de malha capaz de dissolver e deslocar limites políticos e religiosos prevendo organizações que, inicialmente, se limitam ao digital, de tribos que não vêem o espaço geográfico como o mais importante ao disseminar suas mensagens, “Definem-se assim grupamentos locais, distintos do conjunto total da rede, fortemente organizados, e que podem coexistir com outros grupamentos deste mesmo tipo, e interferir de maneira complexa entre si mesmos” (SERRES, 1969, p. 12).

2.3 Pós-Modernidade, Pós-Verdade e a Onda Anticientífica

Ao final do século XX a sociedade moderna passou por grandes mudanças em sua organização cultural, o chamado Pós-modernismo - um processo “de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada” (HALL, 1992, p. 9) fragmentou entendimentos como os de classe, gênero, etnia, nacionalidade e sexualidade que antes nos identificavam de forma clara em meio à sociedade.

Com o advento da globalização, essa transformação é capaz de atingir virtualmente qualquer lugar e a identidade que, segundo Stuart Hall (1992), era representada pelo entendimento de um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação ou mesmo “na sociologia clássica como a “interação” entre o eu e a sociedade” (HALL, 1992, p. 10) cada vez mais se dilui e, à medida que as trocas de informações e intercâmbios culturais acontecem, o indivíduo se vê mais confrontado “por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente” (HALL, 1992, p. 13).

Essa crise de identidade desestabiliza as estruturas do passado, abrindo espaço para a mudança, pluralidade e discussão de ideias modernas, criando novas identidades e pontos de interação entre indivíduos distantes.

Conforme afirma Dunker (2018), a pós-verdade é fruto de uma reação negativa ao pós-modernismo:

A pós-verdade é o falso contrário necessário do pós-modernismo. Como se o politicamente correto, o relativismo cultural e a mistura estética tivessem gerado uma espécie de reação nos termos de uma demanda de real, de um retorno aos valores orgânicos e suas pequenas comunidades de consenso (DUNKER, 2018, p.3).

O dicionário Oxford tem o hábito de eleger anualmente uma expressão como palavra do ano e, em seu site, explica que, dentre diversas candidatas, ela deve refletir o *ethos*, o humor e as preocupações do povo nos últimos 12 meses e sua potencial duração como significância cultural. No ano de 2016 a palavra eleita foi “pós-verdade” e a explosão de seu uso foi constatada no contexto do referendo britânico sobre a União Européia⁵ e a campanha presidencial dos Estados Unidos da América⁶.

Segundo o dicionário Oxford (2016), pós-verdade é o fenômeno no qual emoção, opinião e fé são mais influentes ao traçar a opinião pública do que fatos objetivos, comumente associados à busca pela comprovação de ideias.

O termo da forma como o utilizamos hoje em dia teve sua primeira aparição em 1992. A expressão foi usada por Steve Tesich em seu artigo acerca do escândalo Irã-Contras de 1986, no qual “a libertação de reféns americanos, aprisionados [...] por terroristas pró-iranianos, era feita à medida que chegavam ao Irã armas” (O GLOBO, 2013, s/p), essas vendidas pelo próprio governo americano. O artigo de Tesich diz: “Nós, como um povo livre, decidimos livremente por viver em um mundo de pós-verdade” (TESICH, 1992, s/p).

Antes disso, o termo já havia sido marcado em outras páginas, mas com o significado de “depois da verdade ser conhecida” segundo Oxford (2016), distanciando-se do significado contemporâneo atribuído à expressão.

⁵ Um plebiscito com o objetivo de decidir o futuro do Reino Unido na União Européia foi feito em 2016 e afirmações duvidosas acerca de assuntos como imigração e economia apelaram para medos dos europeus de superpopulação, instabilidade econômica e poucas provisões para assistência médica. Egos foram inflados, argumentos de campanha e dados entraram em conflito e muitas pessoas falavam sobre estarem confusas e não saberem interpretar as informações.

⁶ Donald Trump, o presidente eleito, afirmou diversas mentiras sobre seus adversários políticos durante a campanha de eleição em 2016, além de fazer uso de robôs em mídias sociais para impulsioná-las e torná-las mais reais.

Christian Dunker afirma que o surgimento da pós-verdade se dá na Guerra do Iraque:

Em 2011 a verdade das armas químicas que justificaram o ataque ao Iraque mostrou-se ficção. O fato de que presidentes e agências de Estado pratiquem mentiras técnicas como essa, retóricas (como a “guerra cirúrgica”), jurídicas (como a corrupção dentro da lei), apenas replica a maquiagem de balanços (que estava por trás das bolhas imobiliárias de 2008) e o cinismo como discurso básico do espaço público e da vida laboral (DUNKER, 2018, p. 07).

Assim, entendimentos que são tidos como verdadeiros e se tornam líquidos abrem espaço para a aceitação de mentiras que vêm tendo seu peso negativo suavizado sob uma falsa ótica interpretativa, “Vai-se formando uma nova ética, que passa a ser chamada de ética alternativa” (GUARESCHI, 2018, p.4) contaminando com soluções falsas os problemas para atingir um objetivo determinado.

Com isso, comunidades pseudocientíficas que antes viviam marginalizadas e eram, inicialmente, encaradas pela maior parte da sociedade como piada ou até mesmo como uma forma desesperada de busca de identidade do sujeito pós-moderno, emergiram das profundezas e passaram a fazer parte da superfície da rede espalhando seus ideais e, cada vez mais, tornando turvo o entendimento de o que é ou não científico.

2.4 Biopoder: Estado e corpo

A partir do momento em que o ser humano passa a conviver em sociedade tanto o estado quanto a população esperam que um conjunto de normas previamente estabelecidas para uma boa convivência seja obedecido, cerceando, assim, a liberdade do indivíduo para o bem coletivo, dizendo o que ele pode ou não fazer.

A partir do século XVII, surge no Ocidente o conceito de biopoder, que “refere-se a uma técnica de poder que busca criar um estado de vida em determinada população para produzir corpos economicamente ativos e politicamente dóceis” (BERTOLINI, 2018, p.02). O estado utiliza-se das leis para atingir seus objetivos a respeito do corpo do próprio indivíduo quanto à saúde e higiene, pois ele afeta todos os outros ao seu redor e, quando expandimos esse conceito, afeta o

mundo todo. Sendo assim, duas frentes foram divididas: a disciplina que trata do indivíduo e do seu corpo, e a biopolítica que refere-se à toda a população.

Antes da biopolítica, “uma espécie de estatização do biológico” (FOUCAULT, 1976, p. 286), o biopoder exercia sobre a sociedade um poder soberano onde o indivíduo com mais autoridade decidia se o inferior vivia ou morria. Com o biopoder, o estado inverte essa posição buscando interferir em coisas como “controle da proliferação, dos nascimentos, da mortalidade, do nível de saúde, da duração da vida, da longevidade” (BERTOLINI, 2018, p.4) com o objetivo de manter a população sadia para a produção econômica.

Trataremos, então, do princípio da vacinação universal que tem como objetivo “lidar com um conjunto de problemas de saúde pública, tais como epidemias ou doenças infecciosas” (CUNHA, 2008, p.01) através do controle de seus vetores, vacinando a maior parte da população e, se possível, fazendo uma cobertura total. Em muitos momentos na história da humanidade, governos obrigaram a população a se vacinar contra doenças, exercendo, assim, seu biopoder, “o direito de causar a morte ou deixar viver foi substituído por um direito de causar a vida” (FOUCAULT, 1988, p.130).

A quantidade de doenças que podem ser tratadas a partir da imunização está sempre aumentando e a vacinação, por enquanto, é um dos métodos mais adotados no mundo todo seja pela sua efetividade ou por sua mobilidade, que facilita o acesso a populações em locais isolados.

Ainda assim, parte da população se posiciona contra a vacinação, com ideais de imunização personalizados, como “aquilo que protege, a um dado momento, o filho do meu vizinho pode na verdade causar dano ao meu, ou causar-lhe mais mal do que bem, devendo este, por isso, poder ser imunizado de outras maneiras e em função da sua história e características pessoais” (CUNHA, 2008, p.02), ou mesmo sob a ótica da violação da liberdade individual, sendo obrigado a inocular algo que não se compreende no próprio corpo.

Assim, o estudo do biopoder e vacinação torna-se algo muito mais complexo do que uma simples dicotomia entre vacinar ou não e ser efetiva ou não, se estendendo à forma com que as pessoas pensam os riscos e benefícios da vacina de encontro a suas perspectivas culturais, experiências de vida, ponto de vista político e conhecimento científico, nos possibilitando uma análise desses aspectos em toda a sociedade, já que o “Biopoder não é algo do passado. É algo atual,

presente. Trata-se de um conceito que ajuda a entender temas contemporâneos” (BERTOLINI, 2018, p.11).

2.5 O movimento antivacina contemporâneo

De acordo com Zygmunt Bauman (2001), ao fazer parte de uma comunidade, existe um entendimento de que se vive em um “círculo aconchegante”,

É um “sentimento recíproco e vinculante” — “a vontade real e própria daqueles que se unem”; e é graças a esse entendimento, e somente a esse entendimento, que na comunidade as pessoas “permanecem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que as separam”. (...) Dentro do “círculo aconchegante” elas [as pessoas] não precisam provar nada e podem, o que quer que tenham feito, esperar simpatia e ajuda (BAUMAN, 2001, p. 15 e 16).

O que explica o fato de um indivíduo terraplanista ter uma grande chance de ser antivacina, pois os dois frequentam círculos anticiência.

Em 1988, a Iniciativa Global de Erradicação da Poliomielite teve seu início com a 41ª Assembléia Mundial da Saúde. Com um objetivo bem traçado, diversas entidades iniciaram o embate ao vírus da poliomielite em um sonho não tão distante afinal, na década anterior, o vírus da varíola já havia sido erradicado.

Grandes avanços no enfrentamento da poliomielite foram conquistados a partir desse compromisso global, com programas eficazes de prevenção, vigilância e controle. De 1988 até 2016, a incidência mundial da doença diminuiu 99% e o número de países que apresentavam casos da doença passou de 125 para apenas 2 (Paquistão e Afeganistão) (CEVS RIO GRANDE DO SUL, 2019, s/p).

No Brasil, o último caso de poliomielite aconteceu em 1994 e o seu fim em nosso território também se deu pelo fato de a vacina ser aplicada por via oral - o que facilitou o acesso e a aplicação em crianças.

Mesmo assim, o debate sobre a eficácia das vacinas e seus efeitos colaterais sempre foi recorrente no mundo todo e, a cada ano, o pensamento antivacina se infiltra mais na sociedade de forma a interferir radicalmente nos índices de vacinação dos últimos 5 anos.

Em 2015 a taxa de cobertura da vacina tríplice viral alcançava 96% das crianças brasileiras, segundo dados divulgados no início de 2019 pelo Ministério da Saúde. Em 2017, a mesma cobertura caiu para 84% e, no ano seguinte, o país lutava contra a volta do sarampo, com surtos que, até o primeiro semestre de 2019, acometiam a população de Roraima, Pará e Amazonas (ALMEIDA, 2019, p. 63).

Infelizmente, os avanços da vacinação estão sendo ameaçados por um discurso antivacina de grupos que lutam contra a ciência e a lógica em busca da validação de suas teorias conspiratórias como, por exemplo, a pesquisa de Andrew Wakefield (1998), que ligou a vacina tríplice ao desenvolvimento do autismo em crianças. Supostamente, foram acompanhadas 12 crianças que teriam desenvolvido o transtorno após o uso da tríplice viral (vacina contra sarampo, caxumba e rubéola). O que não se sabia na época, contudo, é que essas crianças já tinham indícios de autismo e tinham sido selecionadas justamente por conta disso. Ainda havia o fato de que Andrew teria dado início a um processo de patente de uma vacina contra sarampo, o que foi considerado conflito de interesses, fazendo com que o médico tivesse sua licença cassada e seu artigo invalidado.

Mesmo com sua invalidação, esse estudo deu início a uma onda antivacina mundial com grande impacto no Brasil e, até hoje, é citado como argumento a favor da não-vacinação, chegando ao ponto de tornar-se necessária a produção de conteúdos de comunicação direcionados ao combate de tal movimento por parte do Ministério da Saúde que, em 2018, emitiu um alerta de alto risco de retorno da poliomielite em 312 cidades do Brasil. O Ministério da Saúde luta para afirmar que a desinformação é um dos principais motivos da baixa cobertura vacinal (BRASIL, 2019).

Mas é claro que o sentimento antivacina não surge simplesmente com base nessa pesquisa, parte disso se deu pelo fato da sociedade atual carregar em seu imaginário coletivo a noção de que “não há doença ou sintoma na sociedade atual para o qual não haja medicamentos ou tratamentos” (ALMEIDA, 2019, p. 60).

Além disso, outro motivo é o surgimento do *Expert Patient*, pacientes que utilizam a internet para obter informações à respeito da sua saúde e se “responsabilizam pelas decisões diárias sobre a própria saúde e que trabalham junto com os provedores de saúde enquanto colaboradores e parceiros, com o objetivo de produzir a melhor saúde possível com os recursos disponíveis” (LORIG, 2002, p. 1). Por isso, as pessoas que pesquisam sobre os malefícios das vacinas encontram-se nesse quadro, pois o fato de utilizarem a internet para consumir informações de saúde e aplicá-las à sua rotina não se diferencia de uma pessoa má informada por uma fonte não confiável ao pesquisar sobre saúde.

Segundo a pesquisa desenvolvida por Nassaralla (2019), os principais fatores que desencadeiam esse movimento contra a vacinação são: “medo dos efeitos deletérios” pelo método de produção das vacinas e por existirem componentes que podem ocasionar reações alérgicas e inflamação; “o baixo nível de escolaridade e renda”, já que as pessoas com menor nível de escolaridade e poder aquisitivo se mostram menos dispostas à vacinação; “a desinformação dos próprios profissionais de saúde” que, por obrigação, deveriam entender e se esforçar para adquirir informação suficiente à respeito da vacina para instruir os pacientes e “o descaso da divulgação sobre o ato de se vacinar”, pois quem vacina não exhibe o que faz.

Todos esses fatores, somados à crise de identidade pós-moderna e à sociedade em rede, culminam no surgimento de células antivacina, facilitando o surgimento de outros grupos e ações consequentes desses agrupamentos, não se restringindo à simples curtidas e compartilhamentos nas redes sociais, mas sim, culminando em ações fora das redes.

2.6. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo é um método utilizado para interpretar e analisar informações de documentos ou textos, “é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessíveis” (MORAES, 1999, p.02). Existem 5 etapas a serem seguidas, sendo elas:

a) preparação - fase em que realizam-se pesquisas, definem-se as informações a serem analisadas e codificadas para facilitar a navegação e a identificação dos materiais;

b) unitarização - consiste em separar os materiais previamente coletados em pedaços menores para, assim, analisá-los por parte. Dessa forma, é possível a interpretação independente de trechos que poderiam passar despercebidos no contexto geral;

c) categorização - agrupar e classificar os dados “por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos ou definidos no processo”

(MORAES, 1999, p.06) facilitando a análise dos elementos ali presentes, atendendo a critérios como homogeneidade, exclusividade e objetividade;

d) descrição - nessa parte do processo temos como objetivo descrever todo o material coletado por meio de textos direcionados a cada categoria definida, expressando os significados e intuítos dos materiais analisados;

e) interpretação - após descritos, a compreensão dos dados é aprofundada a partir do conhecimento do pesquisador, buscando compreender e interligar tudo que foi previamente apresentado, teorizando sobre o porquê e suas causas.

A análise de conteúdo nos permite 2 níveis de abordagem: Manifesto e Latente, “No nível manifesto restringe-se ao que é dito, sem buscar os significados ocultos. Ao nível latente, o pesquisador procura captar sentidos implícitos” (MORAES, 1999, p. 10). Sendo assim, a primeira busca explicações e probabilidades, já a segunda tem seu foco na compreensão.

3 A PROPAGANDA ANTIVACINA NAS REDES SOCIAIS: OS CASOS DO SARAMPO, POLIOMIELITE E O CORONAVÍRUS

Neste capítulo serão analisados conteúdos de cunho antivacina publicados na página de *Facebook* “O Sentido Escuro dos Imunizantes” e algumas interações interessantes de outros usuários com a publicação original. Será observado também a forma com que a comunidade direciona os indivíduos para a não-vacinação.

3.1 Sarampo

Iniciaremos essa análise pelo Sarampo, uma doença viral, infecciosa aguda que pode ser facilmente transmitida ao ter contato com saliva ou respiração do ar de um doente por uma pessoa sem imunidade contra o vírus. “É uma doença grave, principalmente em crianças menores de cinco anos de idade, pessoas desnutridas e imunodeprimidas” (BRASIL, 2020a, p.07).

O sarampo pode ser combatido por meio da vacina Tríplice Viral, que previne também a caxumba e a rubéola.

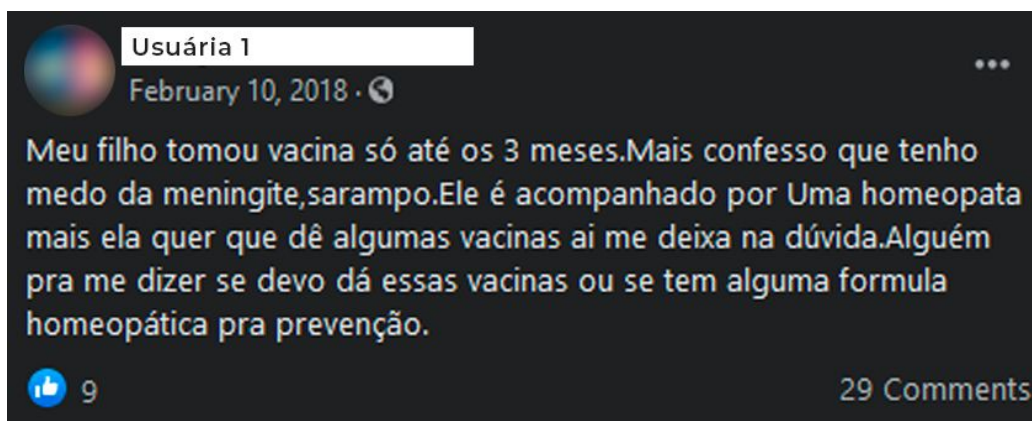
Cada dose de 0,5 mL da vacina reconstituída contém não menos do que 103,0 CCID50 do vírus do sarampo cepa Schwarz, não menos do que 103,7 CCID50 do vírus da caxumba cepa RIT 4385 e não menos do que 103,0 CCID50 do vírus da rubéola cepa Wistar RA 27/3. Excipientes:

aminoácidos, lactose, manitol, sulfato de neomicina e sorbitol (VACINA TRÍPLICE VIRAL. [Bula]. Rio de Janeiro: GlaxoSmithKline Brasil Ltda., 2004).

A vacina é contraindicada em casos de gestação devido à baixa imunidade da gestante, que pode não ser capaz de produzir anticorpos ou em casos de “hipersensibilidade à neomicina ou a qualquer outro componente da vacina” (VACINA TRÍPLICE VIRAL, 2004. [Bula]).

Na figura 1 temos uma publicação feita no grupo de Facebook “O Sentido Escuro dos Imunizantes”, um grupo público e aberto com o objetivo de disseminar informações sobre as vacinas e seus conteúdos que podem fazer mal para o corpo humano. Essa publicação tem 9 curtidas e 29 comentários.

Figura 1 - Postagem vacinação e homeopatia.



Fonte: Facebook⁷.

Por mais que a maior parte dos participantes do movimento antivacina já tenha se convencido de que as vacinas trazem males e de que não se deve vacinar, alguns frequentadores dessas comunidades ainda não têm certeza disso e, por isso, ainda buscam informações. Nesse caso, Usuária 1 recorre a um homeopata, figura recorrente nesses ambientes que, para a maior parte dos participantes, substitui a figura do médico. A homeopatia é uma pseudociência ou medicina alternativa baseada em duas premissas: o princípio dos similares e a lei dos infinitesimais. O primeiro diz que

⁷ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/1992436717665606>>.
Acesso em: 10 out. 2020.

Uma determinada enfermidade pode ser curada com alguma substância que cause o mesmo sintoma. Um exemplo: resfriados podem ser tratados com cebola (*Allium cepa*), pois a cebola, ao ser picada, causa sintomas parecidos com os do resfriado (coriza, irritação dos olhos e outros). Então, se o paciente tomar um remédio baseado em *Allium cepa* por uma semana, ficará curado do resfriado (SPIRA, 2017, s/p).

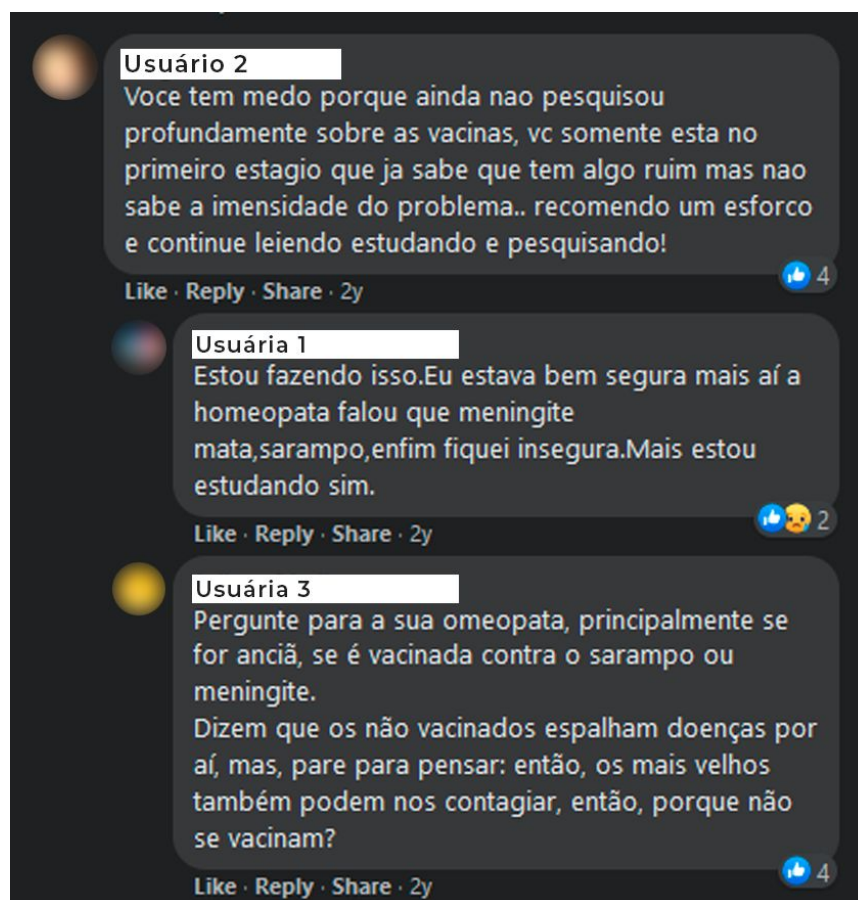
De acordo com os seguidores da homeopatia, a exposição à uma substância que causa um sintoma familiar ao que se busca tratar liberaria o corpo da energia ruim ou, como uma vacina, faria com que o próprio corpo a combatesse.

O segundo princípio, a lei dos infinitesimais, diz que, ao diluir substâncias químicas em água e agitá-las, elimina-se a toxicidade e, quanto maior a diluição de um medicamento, maior a sua capacidade curadora. Por isso, a maioria dos medicamentos da homeopatia são diluídos trinta vezes ou mais. Segundo Spira, isso é o suficiente para não sobrar nenhuma molécula do químico inicial e, dessa forma, o paciente acaba por consumir apenas água. Isso é justificado por homeopatas que dizem que essas moléculas passam a ser energizadas pelas originais, mantendo, assim, ondas eletromagnéticas que levam à cura (SPIRA, 2017, s/p).

A maior parte das pesquisas realizadas sobre o assunto mostra que a homeopatia não se diferencia do tratamento com placebo, por isso, seus compostos não são curativos de acordo com o *National Health and Medical Research Council* (AUSTRALIA, 2015), que fez com que o tratamento fosse removido da distribuição por sistemas públicos de saúde ao redor de todo o mundo, mas não no Brasil.

Apesar da consulta com o homeopata ter resultado em um pedido de vacinação dos filhos, Usuária 1 ainda apresenta certa resistência e procura, então, o grupo no *Facebook*. A sequência de comentários que mais chama a atenção por suas interações é a seguinte:

Figura 2 - Comentários da postagem.



Fonte: Facebook⁸.

Usuário 2 afirma em seu comentário que ela deveria estudar mais e estaria apenas no primeiro estágio do que parece ser uma iluminação antivacina na qual a pessoa passaria por muitos passos até encontrar a imensidade do problema das vacinas - o que mostra certa superioridade quanto à Usuária 1 e deixa claro que ele estudou o suficiente para saber que não deveria ser feita a vacinação.

Usuária 1, então, comenta novamente na publicação e diz estar estudando, mas afirma que o posicionamento do seu homeopata quanto às doenças a deixou insegura, e volta a dizer “estou estudando sim”, comentário que gerou uma curtida e uma reação de choro por parte de outros integrantes do grupo.

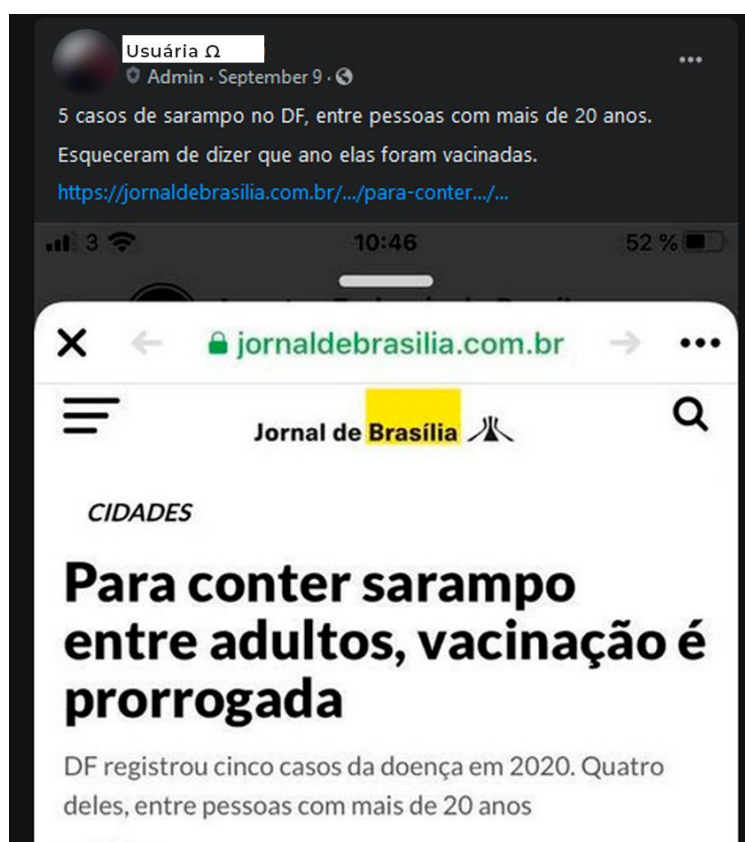
Em seguida, Usuária 3 diz para Usuária 1 que ela deveria questionar o homeopata se é vacinado ou não contra essas doenças, principalmente se for idoso,

⁸ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/1992436717665606>>.
Acesso em: 10 out. 2020.

e finaliza afirmando que “Dizem que os não vacinados espalham doenças por aí, mas, pare para pensar: então os mais velhos também podem nos contagiar, então porque não se vacinam?”. Esse questionamento tem como objetivo direcionar o pensamento de Usuária 1 a acreditar em algum tipo de conspiração por seletividade, mas a resposta é muito simples: a vacina tríplice viral, no caso dos idosos “Está indicada em situações de risco aumentado já que a maioria das pessoas nessa faixa etária não é suscetível à essas doenças” (HOSPITAL SÍRIO LIBANES, 2016) afinal, essas pessoas provavelmente já contraíram o vírus ou tomaram duas doses da vacina mas, mesmo assim, um médico pode prescrever a vacina caso necessário.

A próxima publicação a ser analisada é feita pela administradora da página, que é também o usuário mais ativo:

Figura 3 - Publicação da administradora.



Fonte: Facebook⁹.

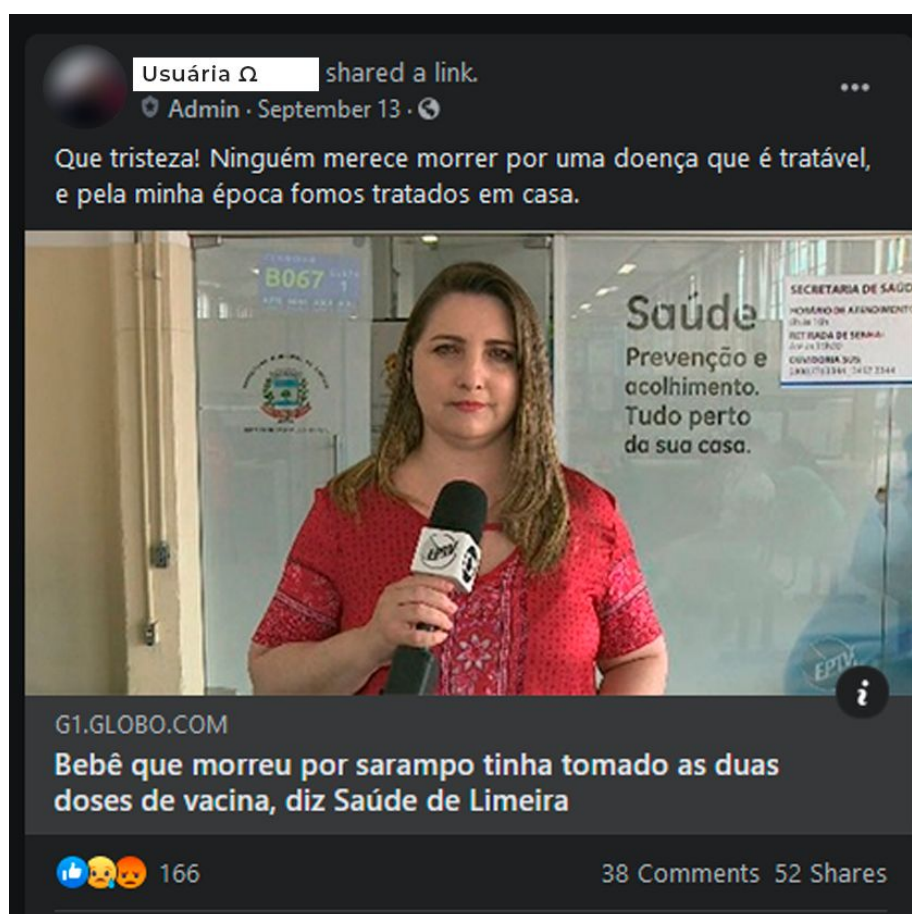
⁹ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2692886794287258>>. Acesso em: 10 out. 2020.

Usuária Ω publica um *print* do título de uma matéria do Jornal de Brasília que comunica a prorrogação da campanha de vacinação, pois foram registrados 5 casos no Distrito Federal em pessoas com mais de 20 anos. De forma irônica, Usuária Ω comenta que “esqueceram de dizer que ano elas foram vacinadas” insinuando que essas pessoas teriam se vacinado na campanha de vacinação e, por isso, teriam contraído a doença, deixando clara a mensagem de que a vacina não deveria ser feita. A publicação tem 39 reações, 21 comentários e 12 compartilhamentos.

Outra postagem que chama bastante a atenção pela quantidade de interações, postada pelo mesmo usuário da anterior é a seguinte:

Figura 4 - Publicação da administradora.



Fonte: Facebook¹⁰.

Utilizando o mesmo método da publicação anterior, Usuária Ω não recorre à dados ou argumentos para dar início à discussão. Ao invés disso, direciona o leitor a

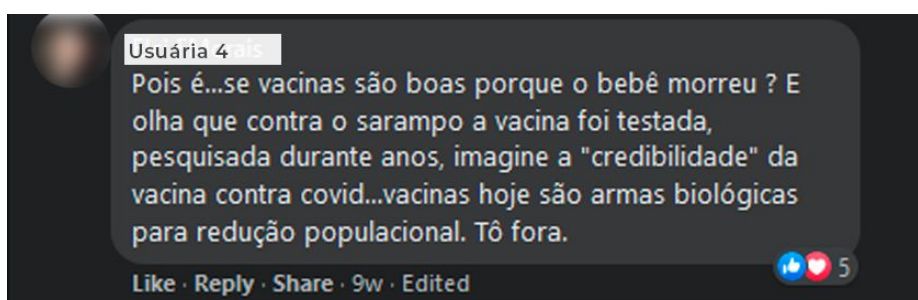
¹⁰ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2696392713936666>>.
Acesso em: 10 out. 2020.

pensar que, por culpa da vacina, o bebê contraiu a doença e faleceu, mesmo o sarampo sendo uma doença tratável, desmerecendo também os envolvidos na tentativa de curar a vítima. Essa publicação soma mais de duzentas e cinquenta reações na original, sem contar as advindas dos cinquenta compartilhamentos.

A má fé dessa publicação é clara, pois, com uma simples leitura da matéria citada, podemos ver que, infelizmente, a cidade mencionada na notícia (Limeira/SP) é a que possui mais casos de sarampo na região de acordo com Dutra (2020). Por isso, a chance de exposição ao vírus era muito maior, sendo que a campanha de vacinação atingiu apenas 5,6% do público, que são, em sua maioria, adultos, que acabam espalhando a doença.

Um dos comentários da publicação serve como reforço para o argumento da ineficiência das vacinas.

Figura 5 - Comentário armas biológicas.



Fonte: Facebook¹¹.

Usuária 4 questiona a efetividade das vacinas de encontro à fatalidade e, de certa forma, a parte inicial do seu comentário é compreensível, afinal, se era vacinada, por que a criança faleceu? O fato é que a vacina do sarampo tem 95% de eficácia, deixando uma margem para contaminação menor que a de uma pessoa não vacinada, mas ainda assim grande. O fato é que, de qualquer forma, essa criança entraria em contato com o vírus em algum momento de sua vida, sendo ela vacinada ou não, e a chance de estar imune por conta da vacinação é de 95%, por isso, não se deve arriscar.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (doravante, OMS) as Américas haviam se livrado do sarampo em 2015, mas, em 2017, o Brasil já corria o risco de

¹¹ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2696392713936666>>.
Acesso em: 10 out. 2020.

voltar a sofrer com a doença, segundo Cuminali (2019), em sua matéria na revista Veja, “em 2017, a cobertura vacinal no Brasil foi de 86%. Em 2015, era de 96%. O ideal para imunizar uma população é um índice de pelo menos 95%”. Mas foi em 2018 que o Brasil voltou a registrar uma grande quantidade de Sarampo que veio pela Venezuela e se espalhou aproveitando-se da baixa da vacinação.

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2020a) diz que, devido ao baixo índice de vacinação, o Brasil vive em 2020 surtos de sarampo em 5 estados, sendo eles: Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Amapá, além de casos registrados nos outros 21. Desde o início do ano de 2020 foram confirmados 5.734 casos de sarampo e 7 óbitos, sendo que a campanha de vacinação atingiu apenas 5,8% do público-alvo e, por isso, foi prorrogada até o dia 31 de outubro já que no ano passado ocorreram 15 mortes pela doença.

3.2 Poliomielite

A Poliomielite é uma doença viral, contagiosa aguda, que infecta através de contato direto com “fezes ou com secreções eliminadas pela boca das pessoas doentes e pode provocar ou não paralisia” (BRASIL, 2020b). A doença afeta tanto crianças como adultos e, em casos graves de paralisias musculares, são mais atingidos os membros inferiores.

Segundo a OMS, a doença permanece endêmica em três países: Afeganistão, Nigéria e Paquistão, com a totalidade de 12 casos. No Brasil não há circulação do vírus selvagem¹² da poliomielite desde 1990.

Cada dose de 0,5mL da vacina contém: Poliovírus inativados do tipo 1 40 unidades de antígeno UD*; Poliovírus inativados do tipo 2 8 unidades de antígeno UD*; Poliovírus inativados do tipo 3 32 unidades de antígeno UD*
Excipientes: 2-fenoxietanol, formaldeído, meio Hanks 199, ácido clorídrico ou hidróxido de sódio (para ajuste de pH). *UD – Unidade de Antígeno-D de acordo com a OMS ou quantidade antigênica equivalente determinada por método imunoquímico adequado. A vacina também pode conter traços indetectáveis de neomicina, estreptomicina e polimixina B, que são utilizados durante a sua produção. Os três tipos de poliovírus são cultivados em células VERO (Vacina Poliomielite 1, 2 e 3. [Bula]. Rio de Janeiro: Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos Bio-Manguinhos, 2014).

¹² O Vírus selvagem é o que combatemos por inicialmente espalhar doenças, já o vírus derivado da vacina é o que chega ao nosso corpo para produzir anticorpos, ele também pode se espalhar através do ambiente.

A Figura 6 também foi retirada do mesmo grupo de *Facebook* das publicações anteriores:

Figura 6 - Publicação da administradora.



Fonte: *Facebook*¹³.

Na publicação, Usuária Ω mostra capturas de tela de uma matéria do portal G1 (2019) na qual o ex-ministro da saúde Henrique Mandetta aparece aplicando a vacina em um secretário e, de acordo com o *site*, teria aplicado também nos populares. Usuária Ω questiona qual é a relação entre a vacina da gripe e o drama da poliomielite.

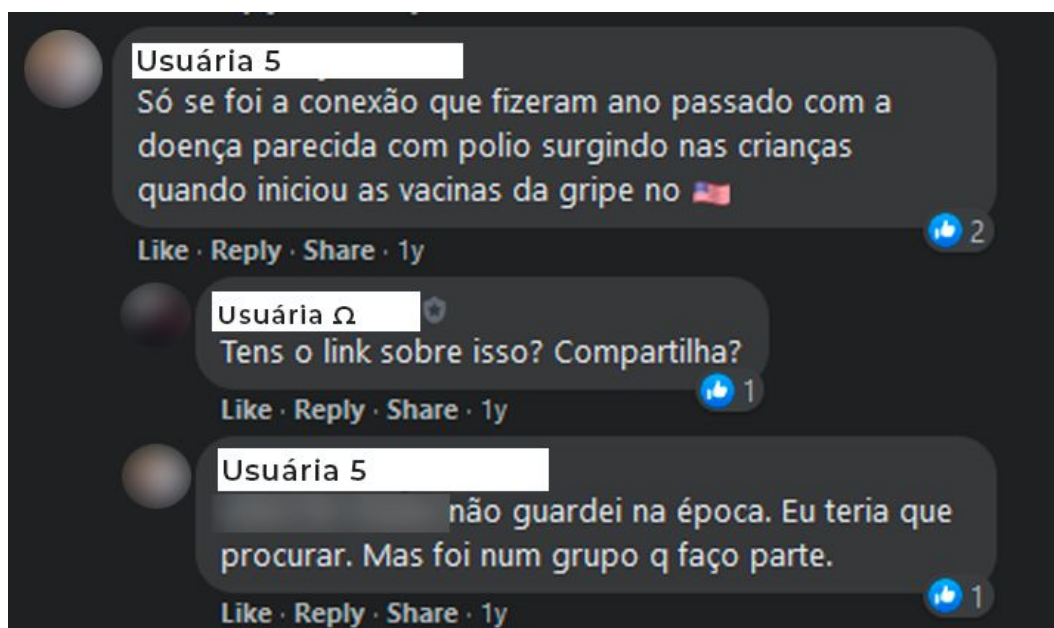
¹³ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2284440428465232>>.
Acesso em: 10 out. 2020.

Da mesma forma que em outras publicações feitas por ela no grupo, a resposta está no próprio artigo, a publicação do jornal diz:

Mandetta alertou para a disseminação de informações sobre efeitos colaterais inexistentes da dose. “As gerações mais novas não sabem o drama do que é uma sequela de pólio, uma cegueira do sarampo, uma encefalite da caxumba e às vezes arrisca. Escuta *fake news* e acha que a vacina tem alguma [complicação]... Não, a ciência está aí pra nos ajudar”, afirmou (G1, 2019).

O que chega a ser irônico, pois o ex-ministro alerta justamente por publicações como a de Usuária Ω, que também diz: “Vocês lembram do exemplo da então Presidente Dilma?” e, mesmo após ser questionada por diversos membros do grupo nos comentários de sua publicação afirmando não se lembrarem de tal exemplo, Usuária Ω não apresenta a informação. Um dos comentários que chama atenção é o de Usuária 5:

Figura 7 - Comentário da Usuária 5.



Fonte: Facebook¹⁴.

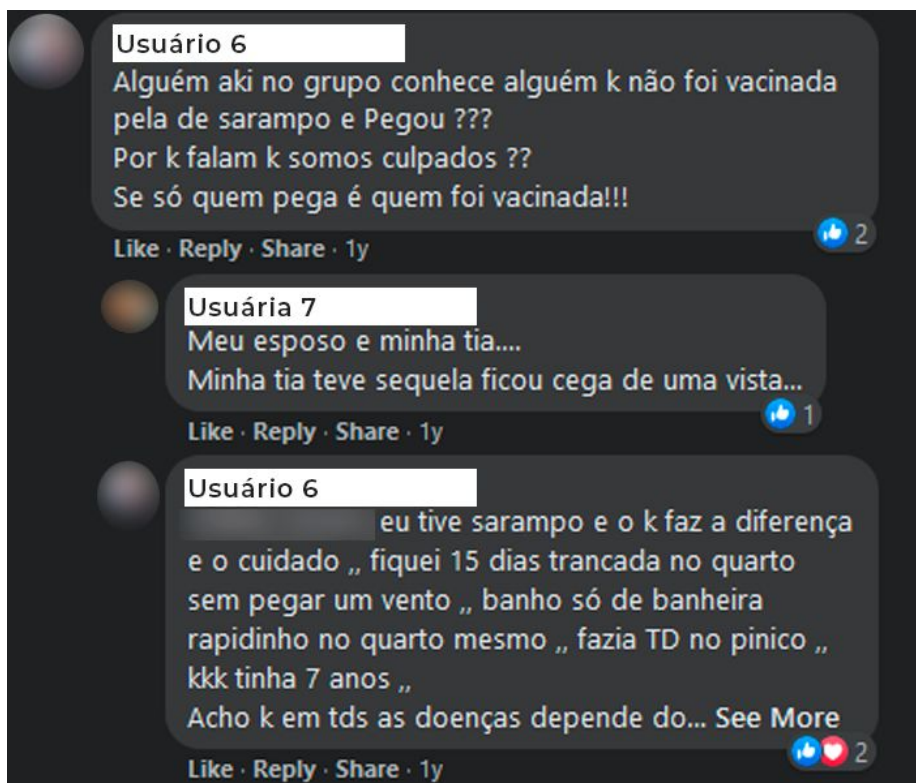
Em seu comentário, Usuária 5 especula, pois aparentemente também não leu o artigo do G1, se a conexão é uma doença parecida com a poliomielite que surgiu nos Estados Unidos da América. Esse comentário, então, tem uma resposta

¹⁴ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2284440428465232>>.
Acesso em: 10 out. 2020.

de Usuária Ω que, interessada pela associação feita por Usuária 5, solicita o *link* da publicação.

Outra sequência de comentários se inicia com Usuário 6:

Figura 8 - Comentário de Usuário 6.



Fonte: Facebook¹⁵.

Usuário 6 se expressa ironicamente dizendo que apenas quem se vacina contra as doenças é quem as contraiu, e questiona ainda se algum integrante do grupo conhece alguém que não tenha sido vacinado e tenha pego. Logo o comentário é respondido por outra integrante a Usuária 7 que diz ter pessoas na família que haviam contraído e, além disso, ficaram com sequelas.

Em resposta ao comentário, Usuário 6 afirma que, quando criança, teria pego sarampo aos 7 anos de idade, permanecendo isolada em seu quarto durante o período. Ela diz que repetiu o isolamento em outras as 2 ocasiões em que teria contraído rubéola, além de “todas as perebas da infância”. De acordo com Usuário 6, foi graças à Deus e à sua mãe que seguiu as dicas da avó que ela teria se curado

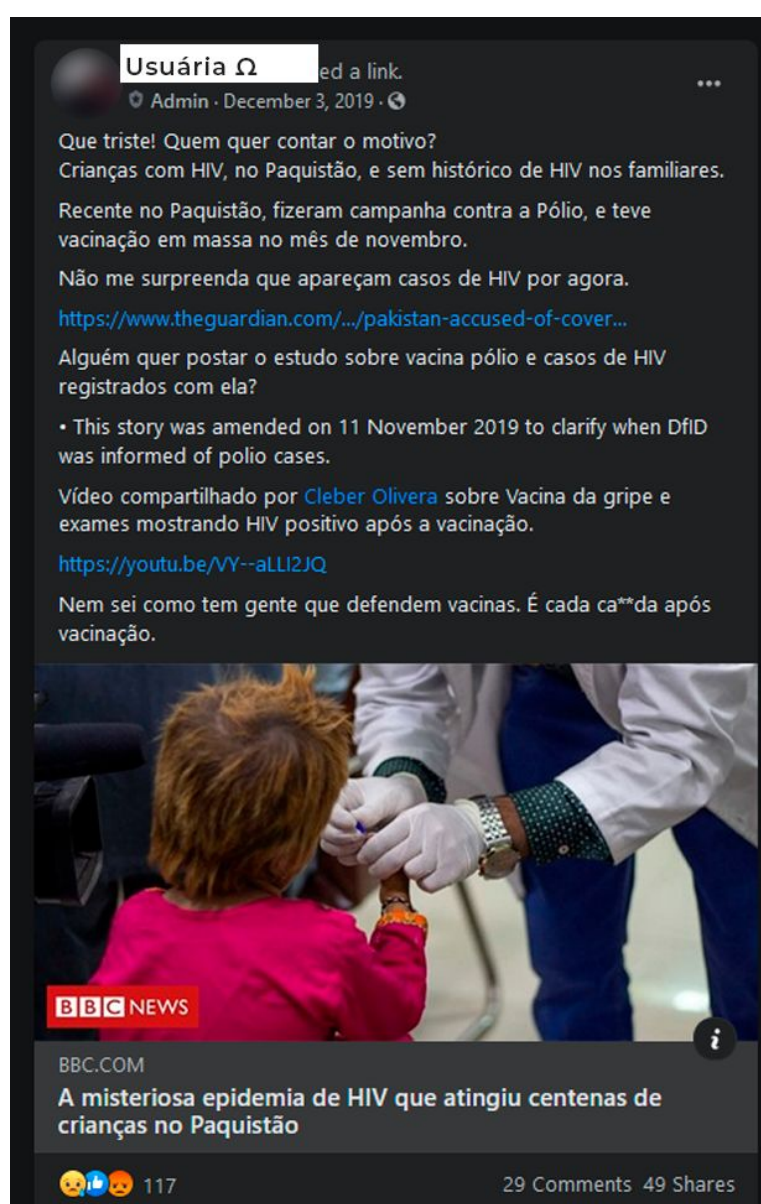
¹⁵ Disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2284440428465232/>.
 Acesso em: 10 out. 2020.

e, além disso, ainda afirmou que, caso sua filha as contraísse atualmente, ela faria os mesmos tratamentos.

De fato a integrante do grupo pode não ter nenhuma sequela, mas, como ela mesma atesta, contraiu diversas doenças durante a infância - o que provavelmente teria sido evitado com a vacinação.

Uma das publicações com mais interações acerca da poliomielite é feita também por Usuária Ω, a administradora da página já citada anteriormente.

Figura 9 - Publicação Pólio e HIV.



Fonte: Facebook¹⁶.

Na publicação, Usuária Ω trata de um recente surto de HIV (*Human Immunodeficiency Virus*) no Paquistão que, segundo ela, teria surgido por conta da vacina da poliomielite. Utilizando *links* de matérias dos jornais The Guardian e BBC, além de um vídeo do *Youtube*, Usuária Ω ainda reforça: “Alguém quer postar o estudo sobre vacina pólio e casos de HIV registrados com ela?”.

A publicação do jornal britânico The Guardian (ELLIS-PETERSEN, 2019) não fala nada sobre HIV, mas sobre um surto de poliomielite no Paquistão que foi ocultado do governo por algumas autoridades locais. Segundo o jornal, foram infectadas 12 crianças e todas desenvolveram paralisia.

A parte curiosa é que esse artigo poderia ter sido utilizado por Usuária Ω como um argumento de forma muito mais efetiva, já que esse surto de poliomielite foi causado por conta de erros nas vacinas. O fato é que o vírus do tipo P2 havia sido erradicado do Paquistão por meio de campanhas de vacinação e, portanto, as vacinas que continham esse vírus deveriam ter sido retiradas de circulação para não serem aplicadas e, por algum motivo, algumas dessas ampolas foram aplicadas erroneamente em uma criança que, então, tornou-se portadora do vírus, que voltou a se espalhar pelo país.

Segundo o The Guardian (ELLIS-PETERSEN, 2019), os Paquistaneses sabem que a única forma de lidar com o retorno do vírus é por meio de uma campanha de vacinação efetiva, mas sabem também que isso nunca aconteceria se continuassem mantendo em segredo. A solução viria justamente ao tomar o caminho contrário, utilizando-se de ampla divulgação e acesso às vacinas.

Usuária Ω faz uso desse artigo para fortalecer seus argumentos, uma vez que, como vimos anteriormente, na maior parte das vezes, apenas são lidos os títulos, não as matérias completas. Além disso, ainda há o fato de as matérias serem escritas em Inglês - o que dificulta ainda mais a leitura.

Novamente, quando cita o vídeo, Usuária Ω utiliza-se da má fé, pois diz “Vídeo compartilhado por Cleber Oliveira sobre Vacina da gripe e exames mostrando HIV positivo após a vacinação.”, o que pode ser facilmente interpretado como se a vacina estivesse distribuindo o vírus HIV, argumento que vinha sido introduzido

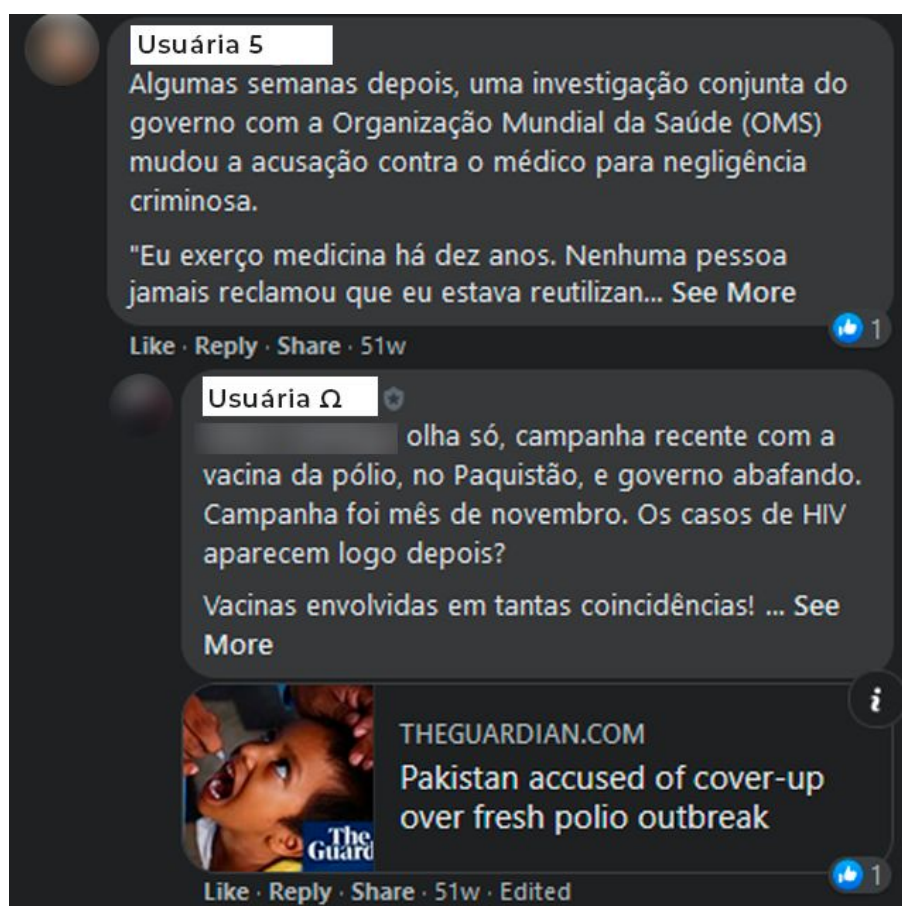
¹⁶ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2449028402006433>>.
Acesso em: 10 out. 2020.

anteriormente em sua publicação quando disse “Não me surpreenda que apareçam casos de HIV por agora.” após afirmar que haviam vacinado a população contra a poliomielite no Paquistão.

O fato é que o vídeo do *Youtube* é um recorte de uma notícia da Globo News¹⁷ que apresenta um caso de falso-positivo de HIV de 2010, em que a pessoa que contraiu o vírus havia acabado de se vacinar contra a H1N1. Na reportagem, a apresentadora deixa claro, ao início da matéria, que as pessoas não estavam infectadas e, em seguida, o Ministro da Saúde do segundo governo, José Gomes Temporão, explica o porquê dos falso-positivos e afirma que, com um segundo teste, teriam o resultado correto.

Já a matéria da BBC (JAFFERY, 2019) trata do surto de HIV. Porém, ao longo do texto, é explicado o ocorrido sem margem para especulação e, dessa vez, é uma própria integrante do grupo que repreende Usuária Ω citando parte da matéria publicada por ela:

Figura 10 - Resposta de Usuária 5.



¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VY--aLLI2JQ&feature=youtu.be>>.

Fonte: Facebook¹⁸.

Usuária 8 mostra para Usuária Ω que a matéria citada por ela respondia a seus questionamentos e teorias conspiratórias, mas, mesmo assim, não é o suficiente, visto que a administradora retorna com o mesmo artigo analisado anteriormente.

Devemos deixar claro o fato da conduta antiética do médico não invalidar a vacina. No momento, não existem casos de poliomielite no Brasil, sendo que o último caso ocorreu em 1990. Infelizmente, com a queda da cobertura vacinal no país, essa dívida vem sendo ameaçada.

Em 2018, o Ministério da Saúde emitiu um alerta para a baixa vacinação. Segundo o G1 (2018), 312 cidades não vacinaram nem metade das crianças com menos de 1 ano em 2017. Já em 2019, 100 municípios brasileiros apresentaram coberturas inferiores a 50%.

3.3 Coronavírus

O Covid-19 é causado pelo SARS-CoV-2, também conhecido como coronavírus. Cerca de 80% dos contagiados podem ser assintomáticos ou apresentarem poucos sintomas e “aproximadamente 20% dos casos detectados requerem atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório” (BRASIL, 2020c).

Os sintomas variam de um resfriado à pneumonia severa, mas os mais comuns são: tosse, coriza, dor de garganta, dificuldade para respirar, perda do olfato, alteração do paladar, distúrbios gastrointestinais, cansaço, diminuição do apetite e dispnéia.

A transmissão pode ocorrer tanto pelo ar quanto por contato com saliva. Por isso, a utilização de máscaras e a higiene correta das mãos são as melhores formas de se proteger quando se faz necessário entrar em contato com outras pessoas, porém, o mais indicado é o isolamento.

¹⁸ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2449028402006433>>.
Acesso em: 10 out. 2020.

O primeiro caso confirmado da doença no país foi em fevereiro de 2020 e, desde então, a opinião pública sobre o que deve ser feito ou até mesmo sobre a gravidade da doença é variada.

Figura 11 - Postagem da Administradora.



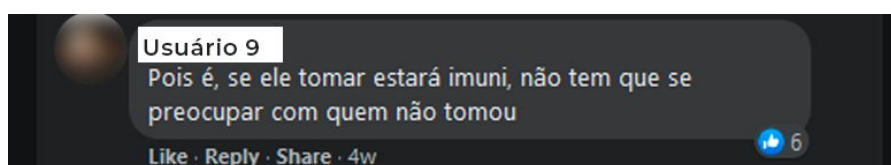
Fonte: Facebook¹⁹.

Usuária Ω novamente faz uma publicação sem muitos dados e análises. Dessa vez, ela mostra um *print* de um *repost* com texto no Facebook escrito por

¹⁹ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2726891047553499/>>.
Acesso em: 21 out. 2020.

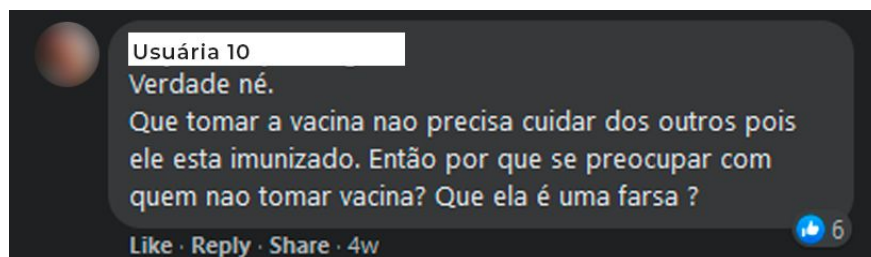
Guillermo F. Piacesi a um *tweet* do deputado Kim Kataguiri, no qual ele defendia a vacina do Instituto Butantã, chamava os apoiadores do movimento antivacina de burros e os acusava de colocarem em risco a vida de terceiros. Como resposta, Guillermo rebate com um argumento no qual ele questiona o fato de as pessoas estarem se preocupando com quem não toma a vacina, sendo que estariam, supostamente, imunes se já vacinadas. A publicação é seguida de comentários como:

Figura 12 - Comentário de apoio.



Fonte: Facebook²⁰.

Figura 13 - Comentário de apoio.



Fonte: Facebook²¹.

Esse tipo de argumento é muito recorrente em comunidades antivacina, e é compreensível que pessoas sem informações suficientes possam ser facilmente convencidas por tal farsa.

Inicialmente, se nos colocarmos no lugar do próximo, podemos dizer que devemos nos vacinar não só para nos proteger, como também para não espalhar a doença para as pessoas que nos aproximamos. Afinal, as vacinas não têm 100% de eficácia e, em alguns casos, elas podem não imunizar o vacinado.

²⁰ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2726891047553499>>.
Acesso em: 21 out. 2020.

²¹ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/2726891047553499>>.
Acesso em: 21 out. 2020.

Além disso, por meio da vacinação alcançamos um conceito chamado de imunidade de rebanho:

Imunidade de rebanho (Q), ou imunidade coletiva, é um conceito aplicável para doenças transmitidas de uma pessoa para outra. Q descreve uma situação onde a cadeia de infecção é bloqueada, isto é a doença para de se alastrar, pois uma porcentagem de indivíduos, numa população definida, adquire imunidade a essa infecção e assim protege os que ainda não tem imunidade de serem infectados (LACERDA; CHAIMOVISH, 2020, s/p)

A imunidade de rebanho é alcançada quando existem mais pessoas imunizadas do que a taxa de contágio da doença consegue infectar. No caso da Covid-19, segundo Lacerda e Chaimovich (2020), a porcentagem é de 60% da população. Essa taxa pode ser atingida tanto por pessoas que se curaram da doença e ficaram imunes como por pessoas vacinadas e imunizadas a partir disso.

Cortando a cadeia de transmissão da doença, conseguimos isolá-la, uma vez que poucas pessoas estariam contaminadas e essas não poderiam transmitir para outras ao seu redor, protegendo, assim, os poucos que não se vacinaram seja por falta de vontade, acesso ou capacidade. É importante destacar que existe uma parcela da população que não pode tomar a vacina por serem imunossuprimidos, transplantados ou por tomarem remédios que reprimem o sistema imunológico - esses são os mais suscetíveis à fatalidade pelas doenças.

Diferente do sarampo e da poliomielite, a Covid-19 é uma doença nova da qual ainda não se possui muita informação de como combatê-la. Por isso, sairemos um pouco do grupo analisado do *Facebook* para observarmos outros fenômenos comunicacionais de grande relevância no momento.

No dia 07 de setembro de 2020, tornou-se viral um vídeo no qual um grupo de manifestantes no centro de Curitiba/PR reuniu-se para “questionar o uso de uma possível vacina contra a Covid-19 e pedir que medicamentos sejam utilizados como prevenção à doença em hospitais.” (TRIBUNA DO PARANÁ, 2020), os manifestantes carregavam cartazes conforme o *frame*:

Figura 14 - Manifestantes curitibanos.



Fonte: Youtube²².

No vídeo²³, um homem com um megafone lê os cartazes, mas o que mais chamou atenção e entrou nos holofotes foi a sequência de gritos repetidos dos manifestantes: "Não queremos a vacina, nós temos a cloroquina!".

O uso de Hidroxicloroquina foi incentivado pelo Presidente da República em diversas entrevistas e veículos oficiais, como no dia 24 de setembro em uma *livestream* em seu *Facebook*:

A questão da tão falada hidroxicloroquina, agora se chega à conclusão que, alguns estudos já, e por experiência, comprovação né, que a hidroxicloroquina realmente salva vidas. Olha uma coincidência, o prédio que eu trabalho, da Presidência da República, mais de 200 pegaram o vírus. Acredita que quase todos ali, informações que tenho, que foram consultados pelos médicos da presidência, tomaram a hidroxicloroquina e ninguém sequer foi hospitalizado? É uma coisa que, pela observação, deu certo (BOLSONARO, 2020a).

Em julho o presidente já havia sido criticado por fazer clara propaganda do medicamento em suas *livestreams* e, em certa ocasião, o mesmo levou uma caixa do medicamento e chegou a exibi-lo conforme a imagem:

Figura 15 - Propaganda do medicamento.

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z2Kw7ViLQKI&feature=emb_title>. Acesso em: 21 out. 2020.

²³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-4vo-vjUuNE>>. Acesso em: 16 jul. 2020.



Fonte: Facebook²⁴.

Nessa mesma ocasião, o presidente chegou a afirmar que o medicamento não tinha comprovação de eficácia, mas, mesmo assim, incentivou seu uso afirmando: “Ah, não tem comprovação científica que seja eficaz. Mas também não tem comprovação científica que não tem comprovação eficaz. Nem que não tem, nem que tem” disse o presidente (BOLSONARO, 2020b).

Alguns dias depois, Bolsonaro também foi visto exibindo o medicamento para as emas do Palácio da Alvorada aos risos, “A cena foi flagrada por repórteres fotográficos que cobriam a movimentação presidencial no local” (UOL, São Paulo, 2020).

Figura 16 - Emas.



²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4XMvWntct_w>. Acesso em: 16 out. 2020.

Fonte: REUTERS/Adriano Machado.

Cenas como essas incentivam o consumo do medicamento sem comprovação de sua eficácia e validam movimentos antivacina e pró-cloroquina para grande parte de seus apoiadores, como vimos anteriormente na manifestação ocorrida em Curitiba/PR.

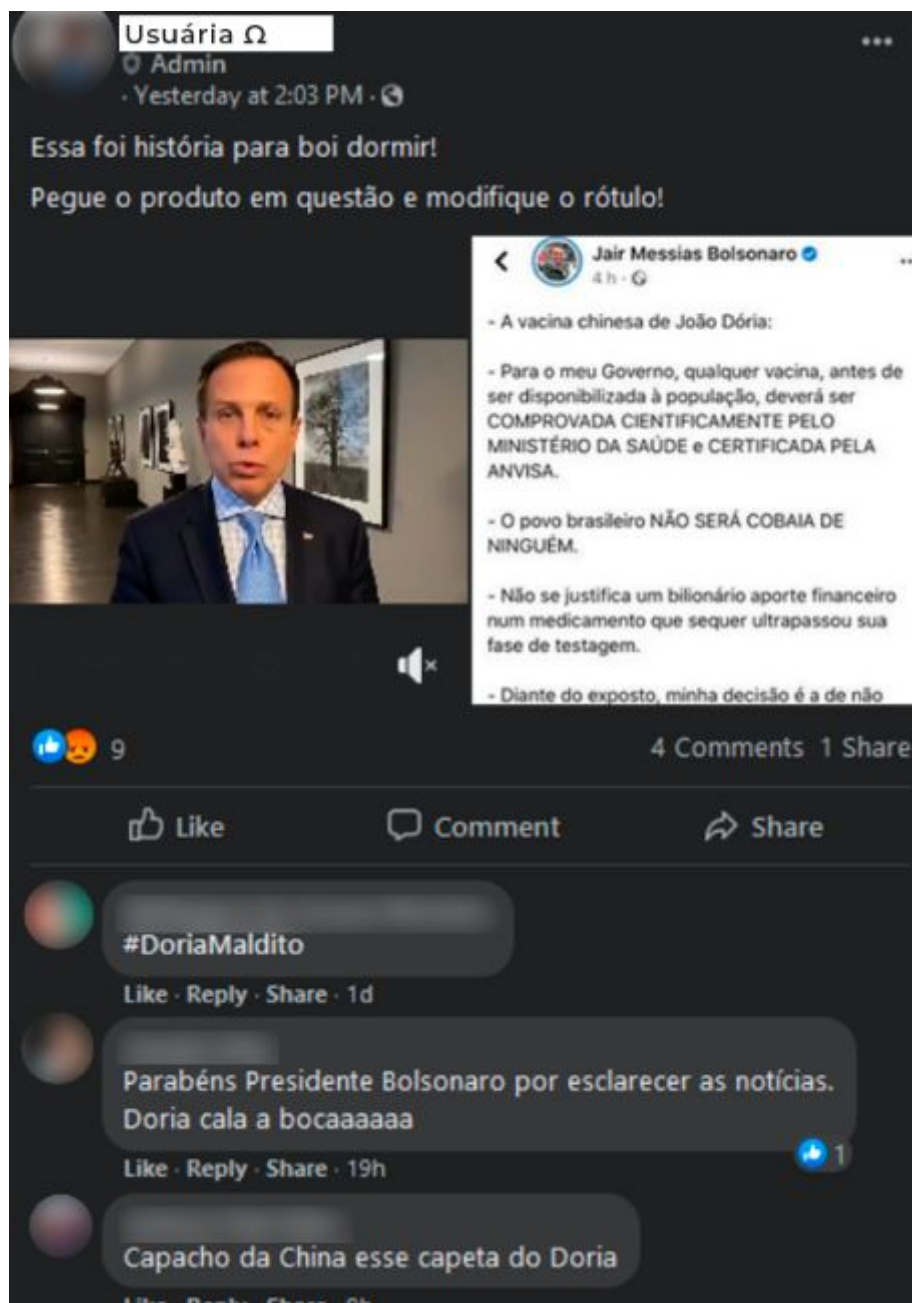
Além desses acontecimentos, no dia 22 de outubro, o presidente disse que “a CoronaVac, imunizante desenvolvido pelo laboratório da China, Sinovac, não será comprada pelo governo, ainda que venha a possuir a autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)” (SOARES, 2020).

Segundo o presidente, existe um grande descrédito pelo fato da vacina ser de origem chinesa, demonstrando um claro pensamento xenofóbico, conspiracionista e hipócrita, afinal, continua defendendo um medicamento que, como o próprio afirmou, não tem comprovação de eficácia.

O impacto nas redes foi gigantesco e, com isso, o presidente validou ainda mais o posicionamento antivacina, mesmo tendo se colocado apenas contra a vacina Chinesa.

Retornando ao facebook, analisamos outra publicação feita por Usuária Ω:

Figura 17 - Publicação pró-Bolsonaro.



Fonte: Facebook²⁵.

Dessa vez, Usuária Ω publica um vídeo do prefeito de São Paulo, João Dória, no qual ele comemora a aprovação do Ministério da Saúde da vacina produzida pelo Instituto Butantã, seguida por um *print* de uma publicação do presidente em seu *Facebook* desacreditando “A vacina chinesa de João Dória” e afirmando que não irá adquiri-la.

²⁵ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/permalink/273054776052116>>.
Acesso em: 22 out. 2020.

A vacina citada tanto por João Dória como por Jair Bolsonaro em todas as publicações anteriores é a mesma, a CoronaVac, produzida por um laboratório chinês e que está sendo testada pelo Instituto Butantã no Brasil.

Dória e Bolsonaro, apesar de terem sido aliados em suas campanhas, no momento são oposição, mais um motivo para o presidente se posicionar contra as vacinas.

Os comentários feitos na postagem reforçam o argumento anterior de que os discursos do presidente se alinham aos discursos antivacina e validam esse posicionamento - fato vergonhoso para a maior liderança do nosso país.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ressurgimento de doenças que antes eram tidas como controladas e a diminuição na taxa de vacinação são fatores que deixam clara a necessidade de reformulação da forma com que encaramos doenças através das campanhas de vacinação. Por meio da pesquisa e análise dos materiais coletados, percebemos que os grupos antivacina existem e não medem esforços para propagar seus discursos seja por falta de conhecimento científico ou por terem presenciado uma mazela dos poucos efeitos negativos da vacina.

O fato é que esses *Expert Patients* vêem seus posicionamentos como benéficos, mas isso não justifica a má fé dos líderes dessas comunidades que manipulam os integrantes abusando de sua falta de conhecimento.

O despreparo do ponto de vista comunicacional do governo brasileiro é outro fator muito importante que contribui para a redução da cobertura vacinal, seja pela falta de disseminação de informação que causa dúvidas no cidadão, levando-o a ser seduzido pelo discurso antivacina, ou até mesmo pela validação desses posicionamentos perigosos por meio da falta de comprometimento com o poder de discurso relacionado aos grandes líderes de nosso país, que se utilizam das vacinas para manobras políticas, aumentando ainda mais a dificuldade para a imunização da população - o que, na verdade, é um comportamento criminoso.

O objetivo deste trabalho foi alcançado, pois fica claro o objetivo e a efetividade dessas células antivacina ao influenciar outras pessoas a não vacinarem seus filhos.

Ainda assim, é necessário pontuar a dificuldade de acesso a espaços antivacina no ano de 2020. Com a Covid-19, os grandes grupos que gerenciam *sites* de redes sociais, de forma tardia, perceberam o papel de suas redes na disseminação desse conteúdo antivacina e passaram a bloquear sua veiculação, o que dificulta o acesso a determinados dados. Incrivelmente, isso não se aplica ao grupo de *Facebook* “O Sentido Escuro dos Imunizantes” analisado, que, além de poder ser acessado por qualquer um, ainda está vinculado a uma página de mesmo nome que replica certos conteúdos do grupo.

Também há de se reconhecer a superficialidade quando tratamos da Covid-19 em comparação às outras doenças, pois ainda não temos o conhecimento necessário para a análise do impacto real da doença no país e nem mesmo os efeitos dos discursos antivacina e seus índices de vacinação. Isso fica claro quando se percebe que todos os eventos envolvendo a Covid-19 são recentes. No entanto, faz-se necessário analisar os debates acerca da antivacina do novo coronavírus, uma vez que se tornou um dos assuntos mais discutidos ao longo deste ano.

Por fim, salientamos que os discursos antivacina são difíceis de serem rastreados, embora eles circulem pelas redes sociais e, infelizmente, acredita-se que ainda trarão muitos malefícios para a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ACERVO O GLOBO. **Caso Irã-contras, pró-direitistas da Nicarágua, revela escândalos de Reagan.** O Globo, 12 set. 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/caso-ira-contras-pro-direitistas-da-nicaragua-revela-escandalos-de-reagan-9935265>>. Acesso em: 06 out. 2020.

ALMEIDA, Amanda Milléo. **Movimento antivacinas na internet: da apropriação e recirculação do jornalismo de saúde ao empoderamento de grupos no Facebook.** Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/64287/R%20-%20D%20-%20AMANDA%20MILLEO%20ALMEIDA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 out. 2020.

AUSTRÁLIA. National Health and Medical Research Council. **Evidence on the effectiveness of homeopathy for treating health conditions.** NHMRC Information Paper. 2015. Disponível em: <www.nhmrc.gov.au/guidelines-publications/cam0>. Acesso em: 06 out. 2020.

BAUMAN, Z. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 2001.

BERTOLINI, Jeferson. **O Conceito de biopoder em foucault: Apontamentos bibliográficos**. Saberes, Natal - RN, v. 18, p. 86-100, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/download/15937/11203/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

BOLSONARO, Jair. **Livestream no Facebook, 2020a**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-4vo-vjUuNE>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

BOLSONARO, Jair. **Livestream no Facebook, 2020b**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4XMvWntct_w>. Acesso em: 16 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico: Informe semanal sarampo – Brasil, semanas epidemiológicas 1 a 37, 2020a**. Volume 51, nº 39. Disponível em: <<https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2020/October/07/Boletim-epidemiologico-SVS-39--1-.pdf>>. Acesso em 13 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Poliomielite: causas, sintomas, diagnóstico e vacinação, 2020b**. Disponível em: <<http://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/poliomielite>>. Acesso em: 13 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença: Covid-19, 2020c**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>. Acesso em: 16 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Vacinação é a maneira mais eficaz para evitar doenças**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/vacinacao-e-a-maneira-mais-eficaz-para-evitar-doencas>>. Acesso em: 16 out. 2020.

CARRETA, Jorge Augusto. Os médicos e a Revolta da Vacina. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política, [s. l.], 2009**. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/download/164/140>>. Acesso em: 13 out. 2020.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. 3. ed. São Paulo - SP: Schwarz Ltda., 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CASTRO, Raquel Cardoso de. A sociedade em rede. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, p. 134-144, 2003. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/download/657/443>>. Acesso em: 13 out. 2020.

CUMINALI, Natalia. **O inaceitável retorno dos casos de sarampo**. Revista Veja, 6 set. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/sarampo-vacina-retorno/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

CUNHA, M. & DURAND, J.Y. (2008). **Nas fronteiras do corpo, do saber e do Estado: vacinação e sociedade**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/7650>>. Acesso em: 13 out. 2020.

DUNKER, Christian *et al.* **Ética e pós-verdade**. 1. ed. [S. l.]: Dublinense, 2017.

DUTRA, Tatiana Py. **Para conter sarampo entre adultos, vacinação é prorrogada**. Jornal de Brasília, p. 0-2, 08 set. 2020. Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/cidades/para-conter-sarampo-entre-adultos-vacinacao-e-prorrogada/>>. Acesso em: 13 out. 2020.

ELLIS-PETERSEN, Hannah. **Pakistan accused of cover-up over fresh polio outbreak**. The Guardian, 7 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/global-development/2019/nov/07/pakistan-accused-of-cover-up-over-fresh-polio-outbreak?fbclid=IwAR17elz6F1RXXFNBI7Y0swgOS3k9vLf1FY6IkIjZXXIsuETg53LojC3ISY>>. Acesso em: 06 out. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 2ª edição. ed. [S. l.]: Martins Fontes, 2012.

G1. **Em 312 municípios, vacinação contra a poliomielite está abaixo de 50%**. Jornal Nacional, 3 jul. 2018. Disponível em: <<https://glo.bo/2lQYdaN>>. Acesso em: 06 out. 2020.

G1 (Rio de Janeiro). **Ministro da Saúde defende vacina da gripe e alerta para desinformação: 'Não sabem o drama do que é uma pólio'**. Globo, [S. l.], p. 0-2, 4 maio 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/04/ministro-da-saude-defende-vacina-da-gripe-e-alerta-para-fake-news-nao-sabem-o-drama-do-que-e-uma-polio.ghtml?fbclid=IwAR1JhVI4wVTvLR7GQR0MCLkDbIHMNbSKW-de896Fjh78rJ555A9UIDc17FU>>. Acesso em: 06 out. 2020.

GUARESCHI, Pedrinho. **Psicologia e Pós-Verdade: a Emergência da Subjetividade Digital**. PSI UNISC, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 19-34, jul. 2018. ISSN 2527-1288. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/12242>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOSPITAL SÍRIO-LIBANÊS. **Centro de Imunizações: Idosos**. [S. l.], 2016. Disponível em: <<https://hospitalsiriolibanes.org.br/hospital/especialidades/centro-imunizacoes/Paginas/idosos.aspx>>. Acesso em: 06 out. 2020.

JAFFERY, Shumaila. **A misteriosa epidemia de HIV que atingiu centenas de crianças no Paquistão.** BBC, Islamabad, dez. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50604985>>. Acesso em: 18 out. 2020.

LACERDA, Caroline Dutra; CHAIMOVICH, Hernan. **O que é imunidade de rebanho e quais as implicações?**. Jornal da USP, 6 ago. 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/o-que-e-imunidade-de-rebanho-e-quais-as-implicacoes/>>. Acesso em: 19 out. 2020.

LORIG, K. **Partnership between expert patient and physicians.** The Lancet. v. 359, n. 9309, p.814-815. Mar. 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2XizuEj>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NASSARALLA APA, et al. **Dimensões e consequências do movimento antivacina na realidade brasileira.** Revista educação em Saúde, 2019; Disponível em: <<http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/3813>>. Acesso: 13 abr. 2020

OXFORD DICTIONARIES. **Oxford dictionaries word of the year 2016.** Londres, 2016. Disponível em: <<https://www.oxforddictionaries.com/press/news/2016/12/11/WOTY-16>>. Acesso: 13 abr. 2020

SALGADO, Aline Silva. **A Revolta contra a vacina: A vulgarização científica na grande imprensa no ano de 1904.** Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

SERRES, Michel. **Atlas.** Paris: Julliard, 1994.

SERRES, Michel. **Hermes: uma filosofia das ciências.** Tradução Andréa Daher. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

SOARES, Ingrid. **Bolsonaro diz que não comprará vacina chinesa, mesmo se aprovada pela Anvisa.** Correio Braziliense, 22 out. 2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4883906-bolsonaro-diz-que-nao-comprara-vacina-chinesa-mesmo-se-aprovada-pela-anvisa.html>>. Acesso em: 26 out. 2020.

SPIRA, Beny. **A homeopatia é uma farsa.** Jornal da USP, [S. l.], p. 0-2, 27 set. 2017. Disponível em: <jornal.usp.br/?p=86646>. Acesso em: 06 out. 2020.

TESICH, Steve. **A government of lies.** The Nation, vol. 254, n. 1, jan. 1992. Disponível em: <<https://www.questia.com/magazine/1G1-11665982/a-government-of-lies>>. Acesso: 27 ago. 2020.

TRIBUNA DO PARANÁ. **“Não queremos a vacina, nós temos a cloroquina”, dizem manifestantes em Curitiba.** Gazeta do Povo, 7 set. 2020. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/breves/nao-queremos-a-vacina-nos-temos-a-cloroquina-dizem-manifestantes-em-curitiba/>>. Acesso em: 16 out. 2020.

Bolsonaro exhibe caixa de cloroquina para emas no Palácio da Alvorada. UOL, São Paulo, 23 jul. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/23/bolsonaro-exibe-caixa-de-cloroquina-para-emas-no-palacio-da-alvorada.htm>>. Acesso em: 16 out. 2020.

VACINA para a Gripe A (H1N1) pode originar resultados positivos de HIV, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VY--aLLI2JQ&feature=youtu.be>>. Acesso em: 06 out. 2020.

VACINA POLIOMIELITE 1, 2 E 3 (INATIVADA). [Bula]. Responsável técnico Silvia Regina Brollo. Rio de Janeiro: Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos Bio-Manguinhos, 2014.

VACINA TRÍPLICE VIRAL. [Bula]. Responsável técnico Milton de Oliveira. Rio de Janeiro: GlaxoSmithKline Brasil Ltda., 2004.

Grupo protesta na Boca Maldita: ‘Não queremos a vacina. Nós temos cloroquina’. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z2Kw7ViLQKI&feature=emb_title>. Acesso em: 26 out. 2020.

WAKEFIELD, Andrew; et al. **'Ileal lymphoid nodular hyperplasia, non-specific colitis, and regressive developmental disorder in children'.** *Lancet*, 1998, v. 351 p.637-641. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(97\)11096-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(97)11096-0/fulltext)> Acesso em: 13 out. 2020.